

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

# Terreiro Contemporâneo

---

O negro pela perspectiva do visitante do  
Museu Afro Brasil

**Denise dos Santos Rodrigues**

**Novembro de 2015**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos sob orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira.

# Terreiro Contemporâneo: o negro pela perspectiva do visitante do Museu Afro Brasil<sup>1</sup>

Denise dos Santos Rodrigues<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo se propõe a investigar se os objetivos que regem o Plano Museológico do Museu Afro Brasil estão sendo percebidos pelos visitantes, a fim de analisar a percepção desse frequentador sobre a participação do negro na formação da cultura e da sociedade brasileira. Para tanto, utilizou-se de pesquisa bibliográfica, sobretudo aquela referente aos conceitos teóricos sobre os museus e sobre a apropriação africana e afro-brasileira no espaço urbano, aliada à pesquisa qualitativa realizada através de grupo focal e observação participante, aplicados durante a visita ao museu em agosto de 2015. Por fim, na análise dos resultados, juntamente com as considerações finais, são apresentados o olhar dos visitantes diante da experiência e conhecimentos adquiridos durante a visita, a discussão sobre a temática afro e como isso foi compreendido por eles.

**Palavras-chave:** Museus. Museu Afro Brasil. Cultura afro-brasileira. Perspectivas do visitante. Grupo focal em museus.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos.

<sup>2</sup> Graduada em Turismo e Hospitalidade com ênfase em gestão de empreendimentos turísticos, pela Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC-SP).

## **Abstract**

This article aims to investigate if the objectives of the Museological Plan of Museu Afro Brasil are being perceived by the visitors, in order to analyze their perception about black people participation in the formation of culture and the Brazilian society. Therefore, it was used bibliographic research methods, mainly regarding the theoretical concepts about museums, African appropriation and afro-Brazilians in urban areas. Those theories were combined with qualitative research methods performed by focus group and active observation. engaged during the visit at the Museum, in August 2015. Lastly, in the results analyzes, along with final remarks, this paper presents the visitor's gaze on the experience and knowledge acquired during their visitation and discussion on the African theme together with the way this issue has been understood by them.

**Keywords:** Museums. Afro Brazil Museum. Afro-Brazilian culture. Visitor's perspective. Focus group in museums.

## **Resumen**

Este artículo pretende investigar si los objetivos que rigen el Plan Museológico del Museo Afro Brasil están siendo distinguidos por los visitantes con el fin de analizar sus percepciones sobre la participación de los negros en la formación de la cultura y de la sociedad brasileña. Para este fin, se utilizó la investigación bibliográfica, especialmente la relacionada con los conceptos teóricos sobre los museos y la apropiación africana y africano-brasileña en las zonas urbanas, junto con la investigación cualitativa, realizada mediante grupo focal y observación participante, aplicados durante la visita al museo en agosto de 2015. Por último, en el análisis de los resultados y en las consideraciones finales se presenta la perspectiva de los visitantes de cara a esta experiencia y a los conocimientos adquiridos durante la visita en lo que respecta a la discusión sobre el tema africano y sobre la forma en la que esta cuestión fue entendida por ellos.

**Palabras claves:** Museos. Museo Afro Brasil. Cultura africano-brasileña. Perspectiva de los visitantes. Grupos focales en museos.

## 1. INTRODUÇÃO

A escravidão africana no Brasil iniciou-se em meados do séc. XVI, homens, mulheres e crianças foram trazidos de várias partes da África, onde atualmente estão localizados países como Senegal, Nigéria, Guiné, Camarões, Angola, Moçambique, África do Sul, entre outros. Eram diversos povos e culturas diferentes ligados por um destino em comum: serem submetidos ao sistema escravista brasileiro. Durante o período de travessia, doenças os assolavam, muitos morriam ou chegavam muito desnutridos, os que conseguiam chegar vivos às terras brasileiras eram explorados de diversas formas, principalmente em atividades ligadas aos serviços domésticos e braçais. Até o final do século XIX, estima-se que aproximadamente 4 milhões de africanos tenham sido trazidos para o Brasil (ALENCASTRO *apud* MATTOS, 2011, p. 104). Mesmo após três séculos de explorações e de todos esses açoites, sofrimentos e usurpações, a cultura afro conseguiu se manter e incorporar-se à cultura brasileira.

Dentre essas incorporações, cabe aqui ressaltar o Museu Afro Brasil (MAB) que possui um acervo composto por mais de 6 mil peças e uma biblioteca com mais de 12 mil títulos, todos voltados a essa temática. O MAB busca apresentar a contribuição de anônimos e reconhecidos em suas exposições e acervos, mostrando o olhar do negro e sua perspectiva em diversos aspectos, passando pela escravidão, artes plásticas, futebol, literatura, gastronomia, religiosidade, música, entre outros. Um dos objetivos do museu é mostrar como a presença do negro está intrínseca à cultura brasileira, para lembrar que foi a miscigenação dos povos que resultou nessa rica fusão cultural que é o Brasil.

A contribuição africana para a formação da cultura brasileira foi e ainda é bastante significativa; algumas crenças e tradições trazidas da África se mantêm até os dias atuais (MATTOS, 2011), muitas incorporaram outros elementos, culturas e ganharam uma nova roupagem, mas mesmo assim sua essência negra se manteve. Algumas manifestações culturais, como a capoeira e o tambor de crioula, tornaram-se Patrimônios Culturais Imateriais da Humanidade, reforçando a importância desse povo para a cultura do país.

Para compreender a formação cultural do brasileiro a partir da contribuição da cultura afro, usamos os conceitos expostos por Néstor García Canclini, em seu livro “Culturas híbridas” e, posteriormente, para trabalhar a apropriação afro nos espaços urbanos, foram utilizados os livros de Muniz Sodré “O terreiro e a cidade” e “A verdade seduzida”, além de bibliografia complementar ao tema, constituindo embasamento teórico para compreendermos a assimilação da cultura africana no Brasil.

A partir dessas considerações, o artigo buscará identificar se os objetivos propostos no Plano Museológico do Museu Afro Brasil estão sendo compreendidos pelos visitantes, para isso utilizaremos o método de pesquisa qualitativa chamado grupo focal aliado à observação participante, sendo uma forma de analisar se aquele acervo realmente consegue gerar no espectador uma reflexão sobre a condição do negro no Brasil e a participação afro na cultura brasileira, proporcionando um diálogo entre o museu e a experiência direta do visitante.

## **2. O MUSEU E O AFRO BRASIL**

Atualmente há uma crescente discussão sobre as questões étnico-raciais, seja para (re) conhecê-las, apresentá-las ou estudá-las, mostrar que a luta de uma etnia está presente em diversos movimentos e coletivos, com o objetivo de colocar aquela cultura, outrora subjugada, em evidência, resgatar suas memórias e raízes, para não deixá-las se apagarem nos anais da história. Esse resgate ocorre com diversos povos, como os indígenas e os negros, mas suas lutas vão além; apesar da grande diversidade de grupos étnicos existente no Brasil e de sua notável contribuição cultural, não é possível ignorar toda a carga histórica de desigualdades e discriminações sofridas e que, infelizmente, as minorias étnicas ainda sofrem na sociedade brasileira contemporânea.

O Museu Afro Brasil surge com essa proposta de preservação e também resgate da memória da importância do negro na formação da cultura brasileira, mas antes de analisar as propostas e objetivos do MAB, é preciso entender o que é um museu, qual é a importância dessa instituição cultural para a sociedade e como suas ações se refletem nos dias de hoje.

Ao falar em preservação da memória, não se pode deixar de mencionar a importância dos museus, mas seria essa a única função dessas instituições? Espaços para guardar e preservar objetos e apresentar ao seu público supostos modos de vida de uma época? Faz-se necessário compreender o significado dessa instituição e mostrar como seus objetivos foram alterados no decorrer dos séculos.

Marlene Suano (1986) apresenta em seu livro “O que é museu” as origens dessa instituição. A palavra museu deriva do termo grego “*mouseion*”, ou “casa das musas”, lugar voltado para o “repouso da mente” em que o homem podia dedicar-se às artes e às ciências; as obras ali expostas tinham como finalidade o agradecimento aos deuses e não a contemplação dos homens. No séc. II a.C., o Egito autorizou a Alexandria a formar o seu *mouseion*, este era

composto além de obras de arte e estátuas, por instrumentos cirúrgicos e astronômicos, peles de animais raros, pedras e minérios etc. Além de possuir uma biblioteca, anfiteatro, jardim botânico, zoológico e outros espaços de reflexão e estudo.

A ideia de compilação de diversos temas foi reforçada com o passar dos séculos e os museus ganharam a conotação de “coleccionismo”. Na Europa famílias de renome tinham em suas casas espaços reservados para expor suas coleções, muitos dos objetos adquiridos em viagens, e essas salas eram chamadas de “museus”, porém, muitas não tinham uma temática ou alguma organização e eram restritas somente a familiares e amigos (SUANO, 1986, p.11). Somente no séc. XVIII os museus foram abertos, efetivamente, ao público, ainda com certos problemas, como salas com objetos estocados, mau atendimento dos visitantes e falta de informação (SUANO, 1986, p. 30). Um século mais tarde notou-se que o museu era muito mais do que um ambiente para exibir riquezas e objetos guardados, mas sim um espaço de lazer, prazer, relaxamento e, também, aprendizado. Após, tantos questionamentos e mudanças chega-se à definição atual de museu:

O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite. (INTERNACIONAL COUNCIL OF MUSEUMS, 2007, p. 50)

Já o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) apresenta a seguinte definição, encontrada no Estatuto dos Museus (Lei nº 11.904/2009):

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Nota-se que apesar das diferenças entre as definições apresentadas pelos órgãos competentes, elas não são excludentes, mas complementares, e ambas apresentam a importância e o vasto campo em que essas instituições culturais estão inseridas. Apresentam em linhas gerais, o papel do museu que é, justamente, o de manter e preservar a história, seja

por meio da contemplação, educação, estudo, pesquisa ou deleite/turismo, dessa forma essas instituições culturais e seus acervos podem gerar uma reflexão sobre determinado assunto à sociedade. Assim sendo, para os fins deste artigo serão consideradas essas duas definições.

## 2.1. MUSEU AFRO BRASIL

Segundo a São Paulo Turismo (SPTuris) a cidade de São Paulo é considerada o maior polo cultural do país<sup>3</sup>; são inúmeras as atividades culturais que ocorrem durante todo o ano, como exposições, palestras, fóruns, peças teatrais, espetáculos etc. Dentre tantas opções, surgem também os museus. Conforme dados da SPTuris, a cidade de São Paulo possui 101 museus das mais diversas temáticas e para todos os gostos, indo desde os mais tradicionais, como Pinacoteca do Estado, o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) e o Museu Paulista, até os mais interativos, como é o caso do Museu do Futebol, Museu da Língua da Portuguesa, Catavento Cultural, entre outros. Com tamanha diversidade de museus um deles se destaca pela sua proposta e singularidade, o Museu Afro Brasil, objeto de estudo deste artigo.

Inaugurado em 23 de outubro de 2004, o Museu Afro Brasil é uma instituição pública, localizada no Parque do Ibirapuera, zona sul de São Paulo. Nascido a partir da iniciativa de Emanuel Araujo, diretor - curador do museu, que, além de apresentar a proposta à Prefeitura de São Paulo, ainda cedeu 1100 obras de sua coleção particular em regime de comodato, para a formação do acervo inicial da instituição. Desde sua inauguração, o MAB ocupa um espaço de 12.060 m<sup>2</sup> no Pavilhão Pe. Manuel da Nóbrega, sendo esse espaço dividido entre a exposição do acervo, exposições temporárias, biblioteca, teatro, loja e área administrativa e operacional.

Em outubro de 2014, ocasião na qual a instituição comemorava 10 anos de existência, o acervo permanente já somava 6,5 mil obras, 152 exposições e mais de 1,5 milhão de visitantes. Objetos, documentos, gravuras, pinturas, esculturas e peças etnológicas, de autores nacionais e estrangeiros estão divididos em 06 (seis) núcleos: África: Diversidade e Permanência, Trabalho e Escravidão, A Religiosidade Afro-Brasileira, O Sagrado e o Profano, História e Memória e, por fim, Artes Plásticas: a Mão Afro-brasileira. Os núcleos trabalham de forma interligada, apresentando a participação dos africanos, afro-brasileiros e

---

<sup>3</sup> Visite São Paulo - São Paulo *Conventions e Visitors Bureau*. **O que define São Paulo?**  
Disponível em: <http://www.visitesaopaulo.com/o-que-define-sao-paulo.asp>, acessado em 30/07/2015



afrodescendentes na transversalidade dessa integração na sociedade brasileira, presentes em objetos produzidos desde o séc. XVIII até os dias atuais.

A Biblioteca Carolina Maria de Jesus possui 12 mil títulos e recebe aproximadamente 1.200 visitantes por ano, entre seu acervo há: livros, revistas, periódicos, teses, pôsteres e material multimídia, além de uma coleção especializada em escravidão, tráfico de escravos, abolição da escravatura, da América Latina, Caribe e Estados Unidos. O nome do espaço é uma homenagem à escritora mineira homônima, cujo livro mais conhecido é “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” (1960), que, por meio de relatos autobiográficos, nos apresenta à dura realidade de uma mulher negra, mãe solteira, catadora de materiais recicláveis, semianalfabeta e moradora de uma favela na capital paulista. As reflexões e críticas de seu primeiro livro já foram traduzidas para 13 idiomas, a autora escreveu também outras obras, como “Casa de Alvenaria” (1961) e “Provérbios” (1963).

O Teatro Ruth de Souza recebeu esse nome em homenagem à atriz que teve importante papel na participação dos negros na dramaturgia brasileira. O teatro já recebeu grupos de dança, inúmeras apresentações nacionais e internacionais, além de promover encontros com artistas, intelectuais e políticos.

Desde 2009 toda a gestão do museu é realizada pela Associação Museu Afro Brasil (Organização Social de Cultura), vinculada à Secretaria de Estado da Cultura para a execução de políticas culturais, além de receber recursos do governo estadual para a realização de suas ações e atividades. Por meio da Associação foi desenvolvido o Plano Museológico do Museu Afro Brasil, documento oficial que apresenta todas as diretrizes e políticas do museu, desde seu histórico e criação até Programas de Comunicação e Segurança do Museu.

Por intermédio do Plano Museológico tem-se acesso a sua cultura organizacional, através do qual se tornam públicas as diretrizes que permeiam a existência da instituição. Neste artigo destacar-se-ão somente as mais relevantes para os objetivos propostos<sup>4</sup>. Desse modo, a missão do Museu Afro Brasil é de: “promover o reconhecimento, valorização e preservação do patrimônio cultural brasileiro, africano e afro-brasileiro e sua presença na cultura nacional.”.

Complementando a missão organizacional são apresentados os objetivos da instituição, como forma de reforçar a primeira e direcionar suas ações para alcançá-las, com destaque para: 1. Promover o reconhecimento, valorização, preservação e difusão da arte, da história e da memória cultural brasileira, tendo como referência a presença luso-afro-

---

<sup>4</sup> Para mais informações sobre o Plano Museológico do Museu Afro Brasil. Acesse: <http://www.museuafrobrasil.org.br/docs/default-source/docs-admin/plano-museol%C3%B3gico.pdf>

brasileira, indígena e africana, 2. Promover ações que fortaleçam a autoestima positiva da população negra. 3. Reconhecer a matriz afro-atlântica na identidade da cultura nacional. 4. Proporcionar às diversas instituições culturais do estado de São Paulo, por meio de exposições e ações de educação, o contato com a memória, a história e a arte nacional e internacional, tendo como referência a influência afro-brasileira na cultura do Estado e do país.

O Afro Brasil é classificado pelo IBRAM (2011, p. 19) como antropológico e etnográfico, que são “coleções relacionadas às diversas etnias, voltadas para o estudo antropológico e social das diferentes culturas”, mas o próprio diretor curador do museu discorda dessa classificação. Para ele, o museu vai muito além de uma classificação, representando a história “transversalmente”, ou seja, essa história se encontra e se reencontra, mostrando para seu espectador outros olhares sobre temas diversos e suas diferenças em relação ao Brasil e outros países do globo, em sua entrevista para o *website* Revista História<sup>5</sup>, Emanuel Araujo reforça seu pensamento: “[...] Não é um museu de Antropologia, de Etnologia ou de Sociologia. Ele não é um museu acadêmico do ponto de vista restrito do estudo dessas manifestações. Ele é uma demonstração dessas questões todas, nos fazendo olhar para o passado e, possivelmente, antever o futuro.” O diretor-curador ainda diz que o MAB “surge na intenção de ser um espaço de arte e memória. Este é um museu muito brasileiro, independentemente de ser afro-brasileiro”.

Para Canclini, o museu é uma forma de “teatralização do patrimônio”, uma forma de recriar uma origem (CANCLINI, 2013, p.162-201). Todo o patrimônio exposto bem como trajetos de visitação, a forma de abordagem, o que será ou não apresentado passa por uma espécie de filtro, pois tudo isso é pré-selecionado por um grupo, de acordo com o olhar daqueles que realizam a exposição. Notamos pelo discurso de Emanuel Araujo que existe uma ideia intrincada pelo curador-diretor do MAB, que o museu seja primordialmente considerado brasileiro, antes mesmo de ser considerado afro-brasileiro, nota-se que o objetivo de mostrar a perspectiva afro e afro-brasileira para essa assimilação vem desde sua concepção inicial. Emanuel Araujo, ao negar a especificidade do museu, por um lado afasta-se de uma ideia mais conservadora da instituição, porém, as concepções de museu como “contemplação” e a teatralização do patrimônio também ocorrem no MAB, aproximando-o ao conceito atual utilizado pelo IBRAM e pelo ICOM.

---

<sup>5</sup> Revista de História. **Entrevista Emanuel Araujo**. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/emanuel-araujo>, acessado em: 29/07/2015.

As ideias apresentadas pelo diretor-curador são corroboradas pelo Plano Museológico do Museu Afro Brasil, o que reforça ainda a ideia de Canclini, apresentada anteriormente, e no próprio *website* do museu; são esses valores institucionais que serão a base da análise que faremos no presente artigo, na qual verificaremos se tais valores estão presentes nas perspectivas e percepções dos visitantes.

### 3. CONCEITOS E MARCOS TEÓRICOS

Na seção anterior foi apresentado o conceito de museu, bem como uma breve explanação sobre o Museu Afro Brasil, suas concepções e problemática acerca do tema. Ao falarmos de museus, principalmente de um museu afro-brasileiro, é preciso apresentar ao leitor alguns conceitos que embasaram o desenvolvimento do artigo e suas correlações.

Devido ao vasto campo das teorias e definições culturais existentes, torna-se imprescindível delimitar os conceitos de cultura aqui utilizados. Foram selecionadas duas definições que melhor se ajustam às análises futuras. O pesquisador argentino Néstor García Canclini compreende cultura como:

A produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólicas das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social... Todas as práticas dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido. (CANCLINI, 1983, p. 29)

Para Canclini, a cultura também exerce uma função transformadora, participativa e mutável. Complementando essa visão tem-se, também, o conceito de Muniz Sodré, que diz:

Cultura designará o modo de relacionamento com o real, com a possibilidade de esvaziar paradigmas de estabilidade do sentido, de abolir a universalização das verdades, de indeterminar, insinuando novas regras para o jogo humano. (SODRÉ, 2012: p. 10)

Sodré mostra a cultura como forma de desconstrução de uma “universalização”, de uma verdade imposta pelos sistemas hegemônicos, mostrando assim uma nova perspectiva, o real, das chamadas culturas de *Arkhé*, como veremos a seguir. Esses dois conceitos de cultura conseguem dialogar diretamente com a proposta do Museu Afro Brasil, que, além de expor

em seu acervo a contribuição afro no país, mostra o seu poder transformador e a compreensão do negro como personagem participante da cultura brasileira, mostrando outro lado da história do nosso país.

No tocante à contribuição de uma cultura à outra, Canclini (2013, p. XIX - XXII) nomeia de “hibridação” quando dois processos socioculturais, que existiam de forma individualizada, se agregaram, gerando assim, novas estruturas, objetos e práticas. Nem sempre esse processo ocorre de maneira planejada e ordenada, sendo necessário, muitas vezes, adaptar as culturas envolvidas para reinseri-las nessa “nova realidade”.

O processo de hibridação ocorre por diversos motivos, como por exemplo, devido às migrações. No caso do Brasil pode-se dizer que esse processo deu-se devido ao sistema escravista, os povos africanos escravizados tiveram que readaptar-se à nova realidade para manter algumas de suas crenças e costumes, em seu novo território.

Muniz Sodré (2012, p.74) compreende território como “o espaço afetado pela presença humana, portanto, um lugar da ação humana”. Para o autor, essa condição não é limitada somente no que diz respeito ao lugar físico, como, por exemplo, no caso da diáspora africana, mas também se estende à interação desses povos em sua nova condição (SODRÉ, 1988, p. 23). Por exemplo, após a chegada ao Brasil e mesmo com os conflitos e sofrimentos gerados pela separação de suas nações de origem, eles aprenderam a conviver com outros povos, inclusive rivais, devido à empatia gerada por viverem a mesma condição, a de escravos, assim, os africanos se uniram, tendo em vista preservar um bem maior, a sua unidade cultural (SODRÉ, 1988, p. 57).

A partir dessa ideia de território, passamos também para outro entendimento, o território do negro: o terreiro, Sodré o chama de “a forma social negro-brasileira por excelência” (SODRÉ, 1988, p.19), pois representa não só a relação litúrgico-religiosa, mas também se constitui como forma de representação da diversidade existencial e cultural, da ocupação do espaço “branco-europeu” pelos negros, sua cultura e como se deu essa influência na cultura brasileira.

A sabedoria de muitos povos africanos, seus ensinamentos e modos de vida foram trazidos ao Brasil, a transmissão e preservação da cultura africana deram-se por meio dos terreiros, do culto aos orixás, das danças, festas, da capoeira, entre outras manifestações. Foi a forma encontrada por esses povos escravizados, que haviam perdido o seu “território físico”, para se “reterritorializar” e se reorganizarem (SODRÉ, 1988, p.50).

Expandindo essa ideia de reterritorialização por meio do terreiro, para uma ação humana de manter vivos, ativos e participantes os ensinamentos de uma cultura, entramos no

conceito de *Arkhé*, termo grego que remete à ancestralidade, ao simbólico e, também, à tradição, aquilo que transpassa através dos tempos sempre vinculado a um grupo. A *Arkhé* é a ancestralidade, não somente no que se refere ao passado, mas que também faz parte do presente e do futuro, sendo um conjunto de saberes que passa de uma geração para outra e que mesmo vinculado às tradições, pode adquirir novas roupagens, se transformar, sem perder o caráter simbólico (SODRÉ, 1988, p. 153-154).

A *Arkhé* negra está presente nos terreiros de candomblé, de umbanda, na capoeira, no turbante, nas músicas, no pertencimento da cultura africana que veio dos povos escravizados e, posteriormente, na cultura afro-brasileira e brasileira. A *Arkhé* é o que o núcleo de educação<sup>6</sup> do MAB chama de “quem negro foi e quem negro é”, pode-se até completar “quem negro será”, a *Arkhé* não está relacionada à temporalidade, pelo contrário, é mostrar que aquilo que ocorreu no passado ainda influencia o presente e, possivelmente, influenciará o futuro.

A *Arkhé* negra também se vincula ao Axé. Juana Elbein diz que o axé “assegura a existência dinâmica, que permite o acontecer e o devir. Sem axé, a existência estaria paralisada, desprovida de toda possibilidade de realização. É o princípio que torna possível o processo vital” (1979 *apud* SODRÉ, 1988, p. 87). O axé é uma força transformadora/realizadora, e que está presente no negro, seria sua motivação, sua força vital, sua força de manter a ancestralidade (*Arkhé*), ou seja, não se pode desvincular um do outro, muito menos ambos do terreiro ou território e conseqüentemente da cultura, da cultura afro-brasileira.

E o museu? Chega-se, então, ao papel do Museu Afro Brasil, um espaço inicialmente de origem europeia (o museu, *mouseion*), um território negro, em que a ancestralidade está presente em todas as suas formas. O MAB se caracteriza, então, como um terreiro contemporâneo, lugar de ação do negro e de seus descendentes, vinculando à tradição, bem como interligando os laços do passado e do presente, além da possibilidade de engendrar reflexões, dos mais diversos gêneros, no visitante.

A partir da próxima seção, todos esses conceitos serão entrecruzados por meio da apresentação dos resultados obtidos com a metodologia utilizada, bem como a análise dos objetivos presentes no Plano Museológico do Museu Afro Brasil, em relação à percepção do visitante ante ao papel do negro na instituição e na cultura brasileira.

---

<sup>6</sup> Trecho do áudio guia sobre o núcleo “História e Memória”, desenvolvido pelo Museu Afro Brasil, em 2014.

#### 4. METODOLOGIA UTILIZADA

Para realizar as análises propostas e obtenção dos resultados, além da fundamentação teórica necessária para a pesquisa do tema, integrou-se à metodologia o grupo focal aplicado à pesquisa qualitativa, aliada à observação participante e à visita *in loco* ao Museu Afro Brasil. Para melhor compreensão dos dados obtidos, é imprescindível explicar sobre a metodologia utilizada e como se deu todo esse processo.

O grupo focal é um grupo de discussão formado para dialogar sobre um tema específico, mediante motivações e direcionamentos realizados pelo pesquisador, objetivando a participação dos envolvidos ao expor suas ideias e percepções, permitindo uma maior interação e trocas entre o grupo (GUI, 2003, p. 140 - 145), Gui ainda completa:

No grupo focal, não se busca o consenso e sim a pluralidade de ideias. Assim, a ênfase está na interação dentro do grupo, baseada em tópicos oferecidos pelo pesquisador, que assume o papel de moderador. O principal interesse é que seja recriado, desse modo, um contexto ou ambiente social onde o indivíduo pode interagir com os demais, defendendo, revendo, ratificando suas próprias opiniões ou influenciando as opiniões dos demais. Essa abordagem possibilita também ao pesquisador aprofundar sua compreensão das respostas obtidas. (2003, p. 140)

Dessa forma, no presente artigo, o papel do pesquisador dentro do grupo focal foi de um facilitador, organizando o roteiro de perguntas, controlando o tempo de visita e, posteriormente, da discussão, interferindo o mínimo possível na discussão do grupo, mas, ao mesmo tempo, tomando as devidas precauções para que o debate não fugisse do tema proposto e incentivando para que houvesse a participação de todos.

A princípio realizaram-se duas visitas ao Museu Afro Brasil para elaboração dos roteiros de visita e de perguntas, desenvolvidos para identificar a percepção do visitante ante o museu e a importância do negro para a cultura brasileira. O grupo focal e a visita ao acervo do MAB foram realizados em 23 de agosto de 2015. Foram convidadas 20 pessoas, das quais 18 compareceram, sendo composto um grupo misto, interétnico, com idades variadas entre 14 e 60 anos, com graus de escolaridades também variados, indo desde o nível de ensino médio até o mestrado, escolhidas de forma aleatória dentro do ciclo de convivência da pesquisadora. Dos 18 participantes, 12 nunca haviam visitado o museu e, dentre os outros 6, somente uma pessoa havia visitado o museu recentemente.

A visita ao acervo e à exposição temporária “Africa Africans” ocorreu das 10h00 às 12h30, e o roteiro de visita manteve-se muito próximo ao sugerido pelo Museu em seu *website*, ocorrendo na seguinte ordem: África: Diversidade e Permanência, Trabalho e Escravidão, As Religiões Afro-Brasileiras, sala do Navio Negreiro, O Sagrado e o Profano, História e Memória, Artes Plásticas: a Mão Afro-Brasileira e, por fim, a exposição temporária Africa Africans.

Esse roteiro foi pensado para contemplar a origem, o início, a África desde os totens, máscaras, ritos e objetos, a diáspora dos povos africanos e a chegada ao Brasil, suas contribuições e resistência no período da escravidão, sua hibridação e o sincretismo no período pós-abolição da escravatura, passando por importantes personagens negras da história do Brasil, bem como pela arte afro-brasileira desde os tempos da Colônia até a atualidade, finalizando com uma exposição de arte africana contemporânea, para interligar todos os outros núcleos aos dias atuais.

A segunda etapa foi a discussão junto ao grupo sobre o que foi visto, e foi utilizado como base o roteiro de perguntas (APÊNDICE A); a discussão<sup>7</sup> durou 1h45m e ocorreu no mesmo dia da visita, houve a participação de 16 pessoas, dois integrantes tiveram que se ausentar, mas nos enviaram suas contribuições por escrito (APÊNDICE B). Na próxima seção serão analisadas algumas categorias que foram recorrentes e/ou receberam mais destaque durante o grupo focal (APÊNDICE C): 1. MAB e a memória africana e afro-brasileira, 2. Núcleo de trabalho e escravidão pelos visitantes, 3. Museu Afro Brasil e a valorização do negro 4. Preconceito e representatividade na mídia, 5. Museu afro e seu espaço e 6. Expectativas e impressões.

## 5. ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS

No decorrer da visita, se utilizou da observação participante para interagir de maneira informal com os integrantes do grupo focal. Durante toda a visita, notou-se muito interesse em todos os núcleos do museu, mas houve uma maior interação nos núcleos Trabalho e Escravidão, com destaque para a sala Navio Negreiro, As Religiões Afro-Brasileiras e História e Memória.

---

<sup>7</sup> **Discussão grupo focal:** Museu Afro Brasil. [ago. 2015]. Mediadora: Denise dos Santos Rodrigues. São Paulo, 2015. 1 arquivo .mp3 (103 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C deste artigo.

Os participantes mostraram-se curiosos, muitas vezes sensibilizados e emocionados, muito atentos às informações escritas nos painéis e aquelas passadas pela pesquisadora. Por meio de conversas informais durante o percurso alguns diziam-se “chocados e impressionados com essa nova perspectiva”, pois havia “coisas que não tinham notado antes”, o interesse dos participantes era demonstrado pelos questionamentos realizados e, para alguns, a necessidade de registrar por meio de fotografias os objetos de exposição.

No núcleo Trabalho e Escravidão, destaca-se a sala do Navio Negreiro, na qual, a pedido da pesquisadora todos entraram juntos. A empatia mostrada pelos participantes devido à ambientalização do espaço, pouca luz, som do mar, cânticos afro-brasileiros, informações e relatos das condições durante a travessia dos africanos foi visível; esses elementos emocionaram a grande maioria do grupo, e muitos disseram sentir um ambiente mais “tenso e pesado”, “triste”, outros utilizaram expressões como “revolta”, “angústia” e disseram que ficavam “arrepiaados” pela temática da sala. A informação de que a maioria dos objetos do acervo, principalmente os de tortura e castigo, são originais do período escravagista, gerou certa comoção, que posteriormente foi relatada durante a discussão.

Ao analisar de uma forma geral, constatou-se que mesmo aqueles que já haviam visitado o museu anteriormente, conseguiram captar novas mensagens através do acervo e todos se mostraram interessados pela temática do museu, interagindo de diversas formas com as obras.

Essa segunda etapa da análise, além de apresentar os resultados da discussão realizada com os integrantes do grupo focal, também é uma forma de sintetizar e interpretar da melhor forma possível aquilo que foi conversado durante o encontro, para que o leitor compreenda como ocorreu a discussão. Para tanto foi necessário filtrar muitos dos temas expostos, por isso foram selecionados os tópicos mais recorrentes ou aqueles que mais se aproximavam dos objetivos do artigo.

## 5.1. MAB E A MEMÓRIA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

Como primeiro tópico, analisaremos a forma a qual o Museu Afro Brasil se utiliza de seu espaço para representar a memória africana, afro-brasileira e brasileira; durante toda a discussão foram levantados aspectos dessas representações, como se pode notar na fala a seguir:



A visita ao museu proporcionou uma viagem ao tempo. Em certos momentos me senti na África selvagem, ao observar as máscaras e colares. Em outras oportunidades, minha mente remeteu-se ao duro passado da escravidão negra no Brasil colônia, com todos aqueles instrumentos de tortura e imagens da submissão do negro sendo tratado como mercadoria, um espaço muito propício para reflexão de nós enquanto brasileiros e nosso passado. A religião me trouxe informações na qual (sic) eu conhecia muito pouco, em relação aos orixás e crenças africanas, um aprendizado bem enriquecedor. (Jéssica Poquini, Bibliotecária, 26 anos)

Em diversas ocasiões o grupo relatou surpresa ao se deparar com informações que não conhecia ou fatos nos quais não tinha dimensão da participação do negro, principalmente naquilo que ia além da temática sobre escravidão, como, por exemplo, nas revoltas ocorridas no nordeste, a imprensa pós-abolição da escravatura e personalidades afro-brasileiras em diversas áreas.

[...] eu não tinha noção dos autores negros, né? Castro Alves... na época da escravidão... Como foi o movimento negro na imprensa e como foi o conflito que não poderia demonstrar o preconceito na própria imprensa... me chamou mais atenção nesse aspecto... que também não é valorizado, né? No dia a dia a gente não presta atenção nessas coisas. (Letícia Coelho Rosa, Administradora, 27 anos. Informação verbal)

Letícia faz uma assimilação das informações obtidas através da exposição com os dias atuais, concluindo que ainda hoje não prestamos atenção no que foram esses movimentos e percebendo que eles não são valorizados. Já Nádia Braga, Arquiteta, 26 anos, ressalta a importância da função do museu em retratar a questão histórica do negro no Brasil e como é importante esse contato, como segue:

[...] eu acho que para a proposta do museu que é retratar a questão da história, da cultura afro no Brasil... é um dos lugares que você vai mais encontrar informação do que qualquer outro lugar... são informações únicas que você só vai encontrar aqui... tipo... de religião... de registro... de registro histórico... você entrar numa sala que tem um navio negreiro... você ver aquilo ali é outra experiência... é outro contato... que a gente não costuma ter. (informação verbal)

Além do quesito histórico e de valorização, também foram abordados as funções e objetivos do museu como um espaço de conservação, estudo e memória pela fala de Simone

Adami, fotógrafa, 43 anos: “Eu acho que assim... além de toda questão histórica envolvida, todo museu é um acervo para a memória... para você guardar aquilo que não pode se perder... que não pode ser esquecido, essa é a função primeira do museu [...]” (informação verbal).

Os participantes não só relacionaram a representatividade africana presente no museu, como também conseguiram correlacioná-la às atribuições de uma instituição museológica, apresentando reflexões não somente na questão histórica de mazelas do povo negro, mas também de como tudo isso influenciou e influencia na formação da cultura brasileira, como veremos nos tópicos subsequentes.

## 5.2. NÚCLEO DE TRABALHO E ESCRAVIDÃO PELOS VISITANTES

“Os itens de castigos aos escravos e o navio negreiro foram terríveis de ver. Imaginar seres humanos naquela situação é angustiante.” (Thalita Branco, Administradora, 25 anos).

Ao serem questionados sobre a parte do museu que mais os impressionou a resposta principal foi referente à parte da escravidão, objetos de castigo e o navio negreiro. Novamente houve comparação dos conhecimentos anteriores com as novas informações adquiridas durante a visita. Saber que a maioria do acervo é original e carrega em si uma história chocou a muitos, pela crueldade, pelas formas de castigos etc. O museu os fez imergir em uma história além dos livros, mostrando como os africanos eram trazidos e como eram tratados, apresentando uma perspectiva muito mais realista, trazendo sentimentos de revolta, angústia, emoção, indignação, perplexidade, além de um sentimento de “autoindulgência”, como diz Letícia:

[...] Na verdade... eu acho assim... não tem uma história oficial... mas nós somos muito autoindulgentes... então existe uma questão de “eu sempre sou bonzinho” e não desenvolvo espírito crítico... Então, não sei até que ponto existe uma culpa... Culpa que eu finjo não ter no discurso em tudo então quando vem ao museu e tal... O museu mostra uma outra perspectiva? No fundo eu sabia daquela perspectiva... mas eu sou autoindulgente, eu me acho bonzinho... eu não vou ver, entendeu? é uma hipocrisia... Vai? Quando a professora fala da escravidão tem um lado perverso nisso que no fundo você sabe... mas você não quer olhar [...] (informação verbal)

Todos os presentes tinham conhecimento do período escravagista que ocorrera no país, porém, ao se depararem com todos os objetos e a proximidade com aquele sofrimento, sentiram uma empatia imediata. Em contrapartida, os elementos referentes aos trabalhos e as

inovações em determinados ofícios realizados pelos escravos mostraram a eles a capacidade intelectual dos negros e suas contribuições para a época. Rosana Indalécio, Securitária, 49 anos, diz que:

A questão do museu para mim... ela serviu para me trazer uma admiração tremenda pela cultura, pela forma como eles trabalhavam, como eles faziam as coisas [...] É engraçado, porque a gente se habituou a olhar o negro só para o escravo **e o que eu vi no museu não foi isso...** eu não senti isso... Então o que falta a gente fazer é... justamente trazer à tona esse lado do negro... que nunca é exaltado, que o negro era capaz... que o negro tinha inteligência... de que o negro podia fazer como ele [José Adão Oliveira] falou, aperfeiçoar, criar, fazer tanta coisa que a gente não consegue enxergar no negro quando a gente ouve a história daquela época... que era o negro escravo que estava lá só para servir ao branco... **não era assim... eles não eram isso** e eu acho que isso o museu retratou muito bem. (informação verbal, grifo nosso)

Apesar de toda a carga reflexiva gerada pelos objetos de torturas, condições dos povos escravizados e da representação do navio negreiro, o grupo ainda levantou a questão do trabalho e das inovações criadas mesmo em condições adversas, exaltando, assim, as capacidades intelectuais que pouco são mostradas ao retratar esse período da história do Brasil; se não fosse por meio dessa abordagem do Museu Afro Brasil esses feitos permaneceriam no desconhecimento de grande parte do público, o que nos leva ao próximo tema.

### 5.3. MUSEU AFRO BRASIL E A VALORIZAÇÃO DO NEGRO

Durante a discussão, uma das perguntas feitas aos entrevistados foi se eles acreditavam que o museu conseguia fortalecer a autoestima do negro brasileiro, e o assunto gerou vários levantamentos. Iann Indalécio, universitário em Comunicação Social, 25 anos, disse que dependia da parte da exposição que era visitada e completa: “[...] fortalece muito mais quando você entra na questão das crenças negras e das entidades históricas negras que fizeram alguma diferença ou que batalharam por isso, realmente ali fortalece [...]” (informação verbal). Ele acredita que em contrapartida o museu mostra muito o sofrimento, as injustiças e o descaso durante e pós-escravidão e que isso “não contribui em nada para a autoestima de uma pessoa negra”.

Em outro momento, Letícia discordou da palavra “autoestima” utilizada na pergunta e todos concordaram que seria mais adequada a palavra “valorização”. Reforçando o que foi

falado, Jaciara Simões, turismóloga, 33 anos, fez uma analogia entre a questão do museu e a apropriação do negro e sua cultura, dizendo que o museu proporciona a oportunidade de engajamento e representatividade do povo negro; ela diz que:

[...] não é a representação da autoestima positiva... é uma questão de entender a sua história e perceber a partir daí que você é representante de uma cultura que foi esquecida porque impuseram isso... que você esquecesse sua cultura e que você achasse que você era feio... que você... que sua aparência e que você representa pro mundo não é importante... foi apagado por outra pessoa que tem a cor clara.... Então assim... a questão do museu representa uma questão de conhecimento e sinceramente... de engajamento você olha aquilo e fala assim... “não tem como eu não representar politicamente a minha cultura... porque isso aconteceu e eu preciso me apropriar disso”... é uma questão de apropriação mesmo... de cultura [...] (informação verbal)

Dessa forma, nota-se que além da possibilidade de valorização da cultura afro e afro-brasileira, o museu propiciou um debate muito maior, ao representar personalidades negras, as contribuições em diversas áreas, as condições às quais os negros foram submetidos durante e pós-escravidão, a religiosidade, suas artes etc. Houve, por parte do grupo, a reflexão do papel atual do afro-brasileiro e afrodescendente quanto à origem de sua identidade, seu poder de engajamento e apropriação através daquilo que foi presenciado, correlacionando o acervo aos dias atuais.

#### 5.4. PRECONCEITO E REPRESENTATIVIDADE AFRO NA MÍDIA

Esse tópico foi mais recorrente em toda a discussão, conforme a mudança do tema em pauta, o grupo relacionava a experiência da visita com suas próprias percepções e vivência. Dessa forma, a questão do preconceito e da representatividade dos negros veio à tona.

Em diversos momentos a questão do preconceito e do racismo foi abordada, quase sempre relacionada como reflexos contemporâneos do período de escravidão no Brasil; o museu é retratado nesse contexto como uma ferramenta de informação e conhecimento, para ensinar sobre a cultura negra, para que o visitante possa se autoavaliar e se policiar para que práticas consideradas racistas não voltem a ocorrer, como é dito a seguir:

A gente não percebe... a gente sabe tão pouco sobre a cultura negra, sobre racismo que a gente pratica sem perceber... muitas vezes por isso que a gente tem que se educar... por isso que a gente **tem que ter um espaço desse para aprender**... o que é a cultura.... qual é o papel político de cada simbolozinho que existe... a palavra que a gente usa... de onde ela veio... é muito delicado isso [...] (Kimberli Card, secretária, 23 anos, informação verbal, grifo nosso)

Por outro lado, também foi apontado que seria viável e importante uma área maior no museu destinada ao racismo na atualidade, para que por meio de representações recentes fosse interligada essa questão ao passado já exposto no museu, trazendo uma discussão aberta sobre o tema.

[...] Eu senti falta de um espaço maior para falar de racismo na atualidade... eu acho que isso tem que ter... É bacana você ver o que foi historicamente... é bacana você ver a cultura... a religiosidade... é bacana você ver os grandes nomes que se destacaram de negros... o Pelé, enfim... mas acho que (também) é muito importante... acho que deveria ser no final do passeio... no final do museu... um espaço em que você [...] visse o racismo na atualidade... tivesse essa discussão mais aberta mesmo, tipo ferida exposta mesmo. (Simone Adami, informação verbal)

Durante esses apontamentos sobre o racismo, o preconceito e a representatividade negra na mídia também foram discutidos:

[...] nos próprios jornais não têm mulher negra... quando tem uma mulher negra é para apresentar a previsão do tempo... quando tem a mulher negra é bem anunciado que ali tem uma mulher negra... porque ela é diferente [...] (Janaína Carvalho, Gerente de operações, 29 anos, informação verbal)

Além da questão da falta de representantes negros na mídia, foi mencionado que, quando há mulheres negras, elas são estereotipadas como, por exemplo, representando “símbolos sexuais”, aquelas que possuem traços “afilados” são mais aceitas, numa tentativa de “embranquecer o negro”, ou ainda se dá um destaque excessivo à sua negritude. Jaciara ainda completa que “as mulheres negras com traços mais fortes não são consideradas ‘representação de beleza’”.

Esse tópico gerou comentários de como as crianças negras podem ser afetadas negativamente por meio dessas representações falaciosas: “a menina negra cresce vendo aquilo... ela é ensinada o tempo inteiro que a beleza dela não é o padrão... que a beleza dela

não tá de acordo com que é ser bonito... Isso, gente, isso é de uma crueldade sem tamanho”, diz Janaína. Mais uma vez, a importância da representação de personalidades negras é reforçada, apesar de o tópico não citar integralmente o Afro Brasil, recaímos sobre a questão da valorização tratada anteriormente e da transversalidade do museu, entrelaçando um assunto ao outro.

## 5.5. MUSEU AFRO BRASIL E SEU ESPAÇO

Ao serem questionados sobre possíveis barreiras para a visita ao Afro Brasil houve uma análise desde o espaço que ele ocupa na zona sul de São Paulo, no Parque do Ibirapuera, até a possibilidade de criação de novos polos do museu em outras áreas da cidade, além da discussão sobre a ordenação do acervo e disposições de itens.

Durante essa discussão foi apontada a existência de uma “catraca invisível”<sup>8</sup> que funciona como uma barreira à ida de moradores da periferia e/ou bairro mais afastados ao parque, devido às dificuldades de acesso por meio de transporte público e, também, devido à sua localização em um bairro considerado de classe média/alta da capital paulista.

Em determinado momento, o senhor José Adão de Oliveira (informação verbal) disse acreditar que a ocupação do museu no Parque do Ibirapuera pode ser considerada pela chamada “burguesia paulistana” como uma “invasão de espaço”, logo em seguida Nádya Braga completa “Ele aqui incomoda, lá na periferia ele não incomodaria, ele estaria no espaço que seria o ‘lugar dele’”. Para alguns integrantes do grupo, a localização do museu é uma forma de os negros se mostrarem presentes e ocuparem os espaços outrora considerados “da elite”, esse discurso é reforçado pela fala de Simone:

Eu acho ótimo que ele [o museu] exista e que esteja aqui [no Parque do Ibirapuera] e que ele invada mesmo [...] isso aqui... por exemplo... é um espaço que tem que ser destinado à coletividade... a mistura... à troca e efetivamente às pessoas têm que perder essa coisa de "eu não vou porque não é o meu lugar... porque eu não vou me sentir bem" [...] O fato de o museu estar aqui mais contribui do que atrapalha... porque é um lugar que a gente tem que chegar, pode ser uma catraca invisível? Pode... mas não é nenhuma restrição... nenhuma barreira física... então vamos... vamos lá... acho que faz parte dessa luta... de você ocupar esses espaços que inicialmente eram destinados a uma elite... Beleza... é no centro da elite e tal? Vamos lá... Eu acho que é o caminho. (informação verbal)

---

<sup>8</sup> Catraca invisível, em interpretação livre, é uma barreira inexistente que impossibilita o usufruto de determinado lugar, sem que realmente haja algum impedimento legal ou físico.

O advogado Vagner Patini, 29 anos, além de corroborar com a fala de Simone, traz a questão do museu e seu espaço como uma forma de resistência e combate aos problemas sociais e ao preconceito, mostrando que essa ocupação descentralizada seria uma importante forma de representar as mazelas sofridas pelo povo negro e suas consequências na atualidade para mais pessoas.

Apesar de muitos concordarem que a instituição poderia ocupar outros espaços, também foi abordado quão viável isso seria caso o museu fosse, por exemplo, para a periferia, como diz Janaína:

[...] a gente não tem que tentar trazer a cultura do centro para a periferia... mas fazer com que os dois conversem... “vamos conhecer?” e dali vai surgir alguma outra coisa... que a gente nem sabe como é e não deve esperar o que seja... deixar acontecer naturalmente... espontaneamente... um encontro. (informação verbal)

Outra participante, Jaciara, considera que o museu na periferia poderia se tornar “antiquado”, devido às grandes articulações já existentes nesses espaços, ela diz:

[...] em falar a respeito esse museu lá [na periferia] seria até uma coisa antiquada... porque a quantidade de cultura... de conhecimento a respeito da própria história [...] é tão forte já para eles a questão do que eles são e da identidade deles que... meu... não sei se esse museu ia representar tanta coisa assim... a parte da arte contemporânea com certeza... porque você vai conhecer mais artistas que são fora daqui, né? Mas o fato que está muito ligado a própria identidade... eu acho que é forte (informação verbal)

Dessa forma, temos defesas muito próximas, mas que em certos pontos divergem, é importante o Museu Afro estar no Ibirapuera, porém, sua descentralização teria de ser muito bem trabalhada para não ofuscar os movimentos que já existem na periferia, além da cautela por parte dos gestores para não comprometer a assimilação dos objetivos do museu quando fossem para outros territórios.

Outra abordagem sobre o espaço retratado pelos participantes foi a forma de organização do museu. Foram feitas algumas observações sobre a forma de distribuição do acervo, destacando a falta de uma linha cronológica, da ordenação aos itens expostos e da forma labiríntica do museu, como ressalta Ronaldo Adami, engenheiro, 45 anos:

[...] é interessante a exposição em si... mas eu acho que, assim, eu sinto falta de uma cronologia... de uma lógica na distribuição das obras, de repente você está numa coisa que é religiosa, mas daqui a pouco você está numa coisa de escravidão... de repente você vai uma outra coisa de cultura... de personalidade... Então, tá tudo muito misturado e talvez... seja até eu... eu sinto falta dessa coisa meio... sabe? Padrão... meio lógico... Então fica meio jogado, parece que quando você tá construindo uma ideia sobre determinada coisa você já corta para uma outra bruscamente (informação verbal)

Diante dessa problemática da ordem cronológica, foram abordados dois aspectos sobre o tema: de como estamos condicionados a essa ordenação, e de que seria importante desconstruir essa ideia, já que as temáticas presentes no museu se intercalam, pois ocorreu e ocorre de uma forma misturada. José Adão esclarece essa questão cronológica da seguinte forma “Muitas coisas que estão ali elas vêm e voltam... não é museu de coisas mortas têm coisas que já passaram... mas têm coisas que estão ainda acontecendo. Tentar fazer uma ordem para isso é... acho... meio difícil” (informação verbal). Jaciara, apesar de concordar que sente-se perdida dentro do museu, já relaciona a sensação labiríntica como uma forma de se autodescobrir por meio da diversidade existente no espaço, ela pergunta “o que tem de você aqui dentro?” e completa: “[é] como se fosse um encontro com você mesmo” (informação verbal).

Podemos ligar o que foi dito sobre a ordenação e a cronologia da instituição com o que Canclini disse sobre a “teatralização do patrimônio”, como também o museu e sua concepção inicial de “coleccionismo”: há muita informação dentro do Afro Brasil, de certo modo, ele se desvincula da ideia “tradicional” de representação museológica como questionado pelos visitantes, que segue uma ordem cronológica, itens bem separados, lugares bem demarcados, muitas vezes isolados e que muitas vezes não se integram. Podemos interpretar que a forma com a qual a museografia do Museu Afro Brasil trabalha se afasta dessa visão mais “conservadora” e, por que não, “europeia” de museu, para se aproximar e resgatar a ideia de coleccionismo e da brasilidade através dessa mistura, da miscigenação, também presente nos objetivos do Plano Museológico e, conseqüentemente, em seu acervo.

## 5.6. EXPECTATIVAS E IMPRESSÕES

Chegamos ao último tópico dessa análise, sendo reservado para mostrar as expectativas e impressões dos participantes do grupo focal no que diz respeito ao museu e seu acervo. Como dentro do grupo havia pessoas que já haviam visitado o museu e outras que



tiveram seu primeiro contato naquele dia, é necessário analisá-los separadamente, pois houve enfoques diferentes.

O grupo que não havia visitado o museu anteriormente considerou uma visita muito satisfatória; como a grande maioria não tinha muito conhecimento da cultura africana e afro-brasileira, a visita ao acervo e a possibilidade de discussão sobre o tema geraram uma “experiência enriquecedora”, alguns reforçaram que ficaram emocionados, outras vezes impressionados e que, de um modo geral, viram no acervo uma forma de desconstrução de ideias preconcebidas, de alerta sobre preconceitos raciais que ocorrem no nosso cotidiano.

Os participantes que já conheciam o museu também consideraram a visita como uma experiência positiva; apesar de não haver muitas mudanças no acervo permanente, esse grupo disse ter descoberto objetos que não haviam visto, além de destacar que a reflexão sobre a temática também foi retomada. O que mais surpreendeu esse grupo foi a exposição temporária *Africa Africans*, pela presença da história africana nas obras contemporâneas, a sua expressividade e o nível de conhecimento artístico dos autores.

Ao final da discussão foi perguntando se os participantes retornariam ao museu e a resposta foi afirmativa e unânime; ainda foi dito que o Afro Brasil foi feito para se visitar mais de uma vez e que, na próxima visita, possivelmente, teriam uma nova perspectiva do que foi visto. A opinião de Jéssica Poquini pode justificar o que foi falado no final “Gostei muito da visita, pela carga reflexiva que gera. Não estamos falando de um museu somente de apreciação de pinceladas, técnicas artísticas e requinte, e sim de história viva e na formação de uma nação [...]”. Podemos dizer que essa atemporalidade do museu é o que o renova, juntamente com as próprias experiências do visitante, como diz Audrey Bertho:

[...] Da primeira vez que eu vim eu perdi muito, quer dizer... eu li muito mais, tive mais tempo de passear no museu... mas você acaba perdendo algumas coisas que com uma maturidade diferente você absorve melhor e... eu acho que é isso... você entender um pouco mais da cultura e ao mesmo tempo o legado... não é "houve isso" mas tem consequências, tem sequelas a partir daquilo... você começa a pensar realmente o mundo a partir daquilo (Informação verbal).

Janaína Carvalho conseguiu assimilar a sua experiência pessoal através do museu de forma que:

[...] ali [no acervo] você enxerga que muitas vezes a gente não olha muito pra nossa identidade... embora a dor deles a gente nunca vai saber realmente como foi... tá na gente muita coisa: o Axé... da religião... o catolicismo... tem tanto a ver com que eu vi... Pelo menos para mim... enfim... eu acho que é um tapa na cara. Mas foi bom... foi gostoso tipo uma antropofagia, "me come" [...] (informação verbal)

Por intermédio desses diálogos, podemos reforçar a ideia do Museu Afro Brasil como o terreiro contemporâneo: em meio a esse importante parque paulistano ocorre uma reterritorialização do negro como um espaço de resistência, luta e representatividade, que proporciona ao visitante olhar o passado, notar a assimilação da cultura negra na cultura brasileira e fazer uma reflexão sobre o que ocorre nos dias de hoje no que diz respeito ao papel do negro na sociedade.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para melhor compreender a perspectiva do visitante do Museu Afro Brasil por meio dos objetivos presentes no Plano Museológico da instituição, no decorrer do artigo passamos por um processo de imersão, iniciando pela concepção de museu e como seu significado foi se modificando com o passar dos anos; também foi apresentado o objeto de estudo, o Museu Afro Brasil e seus objetivos, o situamos dentro da contemporaneidade dos conceitos de *Arkhé*, Axé e terreiro de Sodré, além do conceito de cultura de Canclini, e culminamos na apresentação das análises dos resultados do grupo focal.

A visita ao MAB, juntamente com o grupo focal e o desenlace da discussão, foi muito enriquecedora, pois através da metodologia utilizada tivemos a possibilidade de presenciar o desenvolvimento de um discurso acerca do museu e sua representatividade, como também de abordar com mais profundidade a importância do negro na cultura e sociedade brasileira.

Pelo exposto até aqui, corroboramos uma das hipóteses iniciais desse projeto, a de que os objetivos que compõem o Plano Museológico do Museu Afro Brasil são plenamente compreendidos e assimilados pelos visitantes, gerando reflexão sobre a importância do negro na formação da cultura brasileira. Durante toda a análise feita na seção anterior, os objetivos desse Plano eram reforçados pelas falas do grupo, gerando reflexões do cotidiano não somente referentes aos negros, mas também às posições dos próprios participantes em relação à temática.

Infelizmente, devido aos compromissos do diretor-curador do museu, Emanuel Araujo, não tivemos a oportunidade de entrevistá-lo e questioná-lo sobre alguns aspectos

abordados durante a discussão. Porém, os resultados obtidos podem ser utilizados pela gestão do MAB para criar novas formas de abordagem aos temas citados pelo grupo focal, como é o caso do preconceito e racismo na atualidade, a descentralização do museu ou até mesmo sobre as melhorias no trajeto de visitação.

Para a academia, por meio desses resultados, abre-se um grande leque de possibilidades para pesquisas futuras, tanto para questionar os resultados obtidos, confrontando as observações levantadas durante o grupo focal com entrevistas com os gestores do museu, como também optando por outro enfoque de público como, por exemplo, entrevistando somente visitantes africanos e afrodescendentes ou alunos que visitam o museu em excursão escolar. Desta forma, pode-se verificar se a assimilação e as percepções seriam as mesmas ou se haveria muitas diferenças em relação ao que foi analisado neste artigo.

Ao apresentar em sua proposta o olhar do africano, seus descendentes, suas contribuições e incorporações, o Museu Afro Brasil mostra sua força transformadora, seu Axé, que se fortalece e transpassa os tempos, na força da *Arkhé* negra, firmando-se como um terreiro contemporâneo da cultura brasileira.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECK, C. L. C, RESSEL, L. B, GUALDA, D. M. R et al. **O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa**. Revista Texto & Contexto Enfermagem. Florianópolis, 2008 out-dez; 17 (4): 779-86. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/21.pdf>. Acesso em: 23 setembro de 2015.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. 4ª ed. 6. reimp. São Paulo: Edusp, 2013.

CURSI, Vanessa. **Reflexões Sobre as Diferentes Relações entre Público e Museus na Cidade de São Paulo**. 2009. Artigo Científico. Universidade de São Paulo. Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos.

DISCUSSÃO GRUPO FOCAL: Museu Afro Brasil. **Grupo focal: depoimentos** [ago. 2015]. Mediadora: Denise dos Santos Rodrigues. São Paulo, 2015. 1 arquivo .mp3. 103 min. Depoimentos concedidos para o Grupo Focal realizado no Museu Afro Brasil.

GUI, R. T.. **Utilização do Grupo Focal em Pesquisa Qualitativa Aplicada: Intersubjetividade e Construção de Sentido**. Psicologia (Florianópolis), Florianópolis - SC, v. 3, n.1, p. 135-159, 2003.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo : Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 100 p.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas no Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações**. São Paulo: Global, 2009.

MUSEU AFRO BRASIL. (Brasil). **Plano Museológico: Museu Afro Brasil**. 2011. Disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/docs/default-source/docs-admin/plano-museol%C3%B3gico.pdf>>. Acesso em: 15 julho de 2015.

NOGUEIRA, Silas. **Poder, cultura e hegemonia: elementos para uma discussão**. Revista Extraprensa, São Paulo, 3 out. 2010. Disponível em: <http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/extraprensa/article/view/epx6-a04>. Acesso em: 19 Jun. 2015.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

REVISTA DE HISTÓRIA. **Entrevista Emanuel Araujo**. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/emanuel-araujo>. Acesso em: 29 julho de 2015.

RODRIGUES, Isabela Gatti Pereira. **O museu e a identidade brasileira**: Museu Afro Brasil. 2012. Artigo Científico. Universidade de São Paulo. Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos.

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. 8ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Coleção Primeiros Passos)

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.

\_\_\_\_\_. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. São Paulo: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Por um conceito de minoria**, 2005. In PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Orgs.) (Eds). Comunicação e cultura das minorias. São Paulo: Paulus, 2005.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos)

**Sites:**

<http://www.museuafrobrasil.org.br/>

<http://www.museus.gov.br/>